



Ernesto Che Guevara

# CHE

## O ARGENTINO

RELATOS DA REVOLUÇÃO  
CUBANA



Tradução de  
João Pedro George

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMIX

© 2009, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

© 2006, Ocean Press, Centro de Estudios  
Che Guevara e Aleida March  
Fotografias © Aleida March e Centro de Estudios Che Guevara

Título original: *Pasajes de la Guerra Revolucionaria*

Tradução: João Pedro George

Revisão: Tinta-da-china

Capa e composição: Vera Tavares

1.ª edição: Março de 2009  
ISBN 978-972-8955-67-0  
Depósito Legal n.º 289268/09

# ÍNDICE

7 NOTA INTRODUTÓRIA

## PARTE I

11	Prólogo
13	Alegria de Pío
18	O Combate de La Plata
27	O Combate de Arroyo del Infierno
31	Ataque Aéreo
37	Surpresa em Altos de Espinosa
48	O Fim de Um Traidor
54	Dias Amargos
61	O Reforço
67	Adquirindo Treino
73	Uma Entrevista Famosa
83	Jornadas de Marcha
91	Chegam as Armas
99	O Combate de Uvero
110	Cuidando dos Feridos
117	De Regresso
127	Engendra-se Uma Traição
135	O Ataque a Bueycito
144	O Combate de El Hombrito
151	El Patojo

## PARTE II

159	Uma Revolução Que Começa
166	À Deriva
175	Pino del Agua
188	Um Episódio Desagradável
195	Luta Contra o Banditismo
205	O Cachorro Assassinado
210	O Combate de Mar Verde
217	Altos de Conrado
226	Um Ano de Luta Armada
264	Pino del Agua II
281	Interlúdio
299	A Ofensiva Final: A Batalha de Santa Clara

## ANEXOS

323	A Fidel Castro (Sobre a Invasão)
328	Um Pecado da Revolução
336	Lidia e Clodomira
341	Principais combatentes das tropas revolucionárias

## Nota Introdutória

**R**EÚNE-SE NESTA EDIÇÃO as memórias de Ernesto Che Guevara sobre a experiência da guerrilha cubana, redigidas a partir das notas do seu diário de campanha. O cenário geográfico é a Sierra Maestra, e a acção decorre entre o desembarque do iate *Granma*, no dia 2 de Dezembro de 1956, e a vitória das forças revolucionárias, no dia 1 de Janeiro de 1959.

O livro consta de duas partes. Na primeira, reproduzem-se os textos coligidos, em 1963, num volume intitulado *Pasajes de la Guerra Revolucionaria*. Sobre esta edição, Che Guevara introduziu comentários, correcções e pequenos acrescentos, explicitando o seu objectivo: «O livro dos relatos, para o caso de se querer editá-lo outra vez, corrigido e aumentado.» A edição portuguesa, partindo da edição original autorizada, respeita as alterações sugeridas pelo autor.

A segunda parte, constituída por textos nunca antes coligidos e originalmente publicados na imprensa cubana, confere uma dimensão mais completa a estas memórias, enriquecendo-as com episódios adicionais.

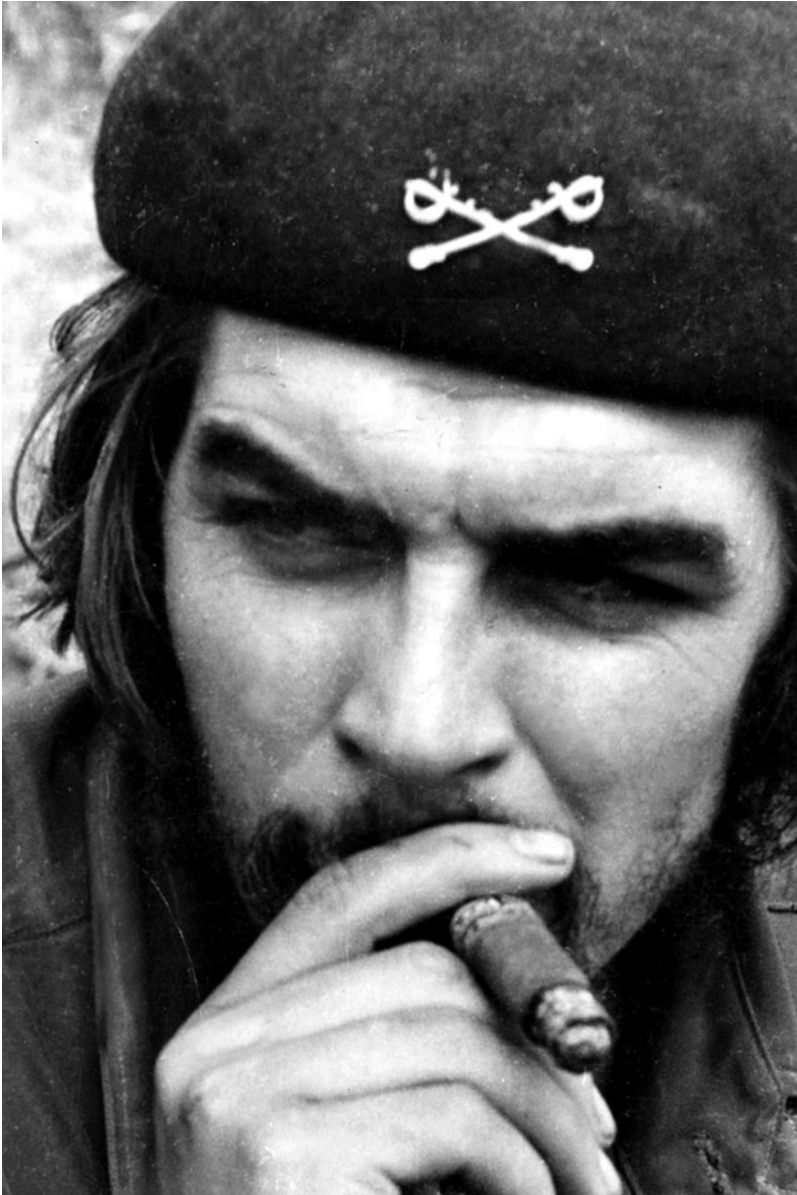
Os documentos ou excertos datados do período da guerra propriamente dito, que vão surgindo ocasionalmente, foram assinalados a itálico.

No seu conjunto, estes relatos permitem formar uma imagem nítida e dramática da intervenção de Che Guevara na guerra revolucionária cubana e da evolução estratégica e política do conflito.



# Parte I





## Prólogo

**D**ESDE HÁ ALGUM TEMPO que vínhamos pensando em como fazer uma história da nossa Revolução que englobasse todos os seus múltiplos aspectos e facetas; muitas vezes, os chefes da mesma manifestaram — privada ou publicamente — o seu desejo de fazer esta história. Porém, os trabalhos são diversos, os anos vão decorrendo e a memória da luta insurreccional vai-se dissolvendo no passado sem que se fixem claramente estes feitos que pertencem já, inclusive, à história da América. Por isso, iniciámos uma série de recordações pessoais dos ataques, escaramuças, combates e batalhas em que intervimos. Não é nosso propósito fazer esta história fragmentária unicamente através de recordações e de algumas anotações; antes pelo contrário, aspiramos a que o tema seja desenvolvido por cada um daqueles que o viveram.

A nossa limitação pessoal, ao lutar num qualquer ponto específico e delimitado do mapa de Cuba durante toda a contenda, impediu-nos de participar em combates e acontecimentos de outros lugares; julgámos que, para tornar exequível a todos os participantes na gesta revolucionária a tarefa de a narrar e, ao mesmo tempo, fazê-lo de uma forma ordenada, o melhor seria começar com o primeiro combate, ou seja, o único em que Fidel participou estando nós em desvantagem militar: a surpresa de Alegría de Pío.

Restam ainda muitos sobreviventes desta acção e cada um deles está convidado a deixar também testemunho das suas

recordações, para que sejam incorporadas e ajudem a completar a história. Pedimos apenas ao narrador que seja rigorosamente verdadeiro; que nunca, para aclarar uma posição pessoal ou magnificar, ou ainda para simular haver estado em algum lugar, diga algo incorrecto. Pedimos que, depois de escrever alguns textos, da forma que for possível a cada um, segundo a sua educação e a sua disposição, façam uma autocrítica o mais séria possível para dali retirarem todas as palavras que não se refiram a um facto estritamente certo ou de cuja certeza não tenha o autor plena segurança. Pela nossa parte, é com esse ânimo que começamos as nossas memórias.

## Alegría de Pío

**A**LEGRÍA DE PÍO É UM LUGAR da província de Oriente, município de Niquero, situado próximo de Cabo Cruz, onde fomos surpreendidos no dia 5 de Dezembro de 1956 pelas tropas da ditadura.

Vínhamos extenuados depois de uma caminhada não tão longa quanto penosa. Havíamos desembarcado no dia 2 de Dezembro no lugar conhecido por praia de Las Coloradas, perdendo quase todo o nosso equipamento e caminhando com botas novas durante horas intermináveis por lamaçais de água do mar. Isto tinha provocado ulcerações nos pés de quase todos os soldados. Mas o calçado ou as afecções fúngicas não eram o nosso único inimigo. Havíamos chegado a Cuba depois de sete dias de navegação através do Golfo do México e do Mar das Caraíbas, sem alimentos, com o barco em más condições, com quase toda a gente enjoada por não estar habituada ao vaivém do mar, depois de termos saído a 25 de Novembro do porto de Tuxpan, um dia de vento norte, em que a navegação estava proibida. Tudo isto havia deixado as suas marcas num exército que era integrado por bisonhos que nunca tinham entrado em combate.

Do nosso equipamento de guerra já não restava nada mais que o fuzil, a canana\* e algumas balas molhadas. O nosso arsenal médico havia desaparecido e as mochilas, na sua grande maioria, tinham ficado nos pântanos. Caminhámos de noite, no dia anterior,

\* Cartucheira de couro. (N. do t.)

pelos passadiços\* dos canaviais do Central Niquero, que naquela época pertencia a Julio Lobo. Devido à nossa inexperiência, saciávamos a fome e a sede comendo canas na orla do caminho e deixando ali os restos; mas, além disso, os guardas não necessitaram do auxílio das buscas indirectas, pois o nosso guia, segundo nos inteirámos anos depois, foi o principal autor da traição, levando-os até nós. Havíamos deixado o guia em liberdade quando chegámos ao ponto de descanso, cometendo assim um erro que repetiríamos algumas vezes durante a luta, até aprendermos que os elementos da população civil cujos antecedentes se desconhecem devem ser vigiados sempre que se esteja em zonas de perigo. Não devíamos ter permitido, naquelas circunstâncias, que o nosso falso guia se tivesse ido embora.

Na madrugada do dia 5 eram poucos os que podiam dar um passo mais; abatidos, caminhavam pequenas distâncias para depois pedirem descansos prolongados. Devido a isso, ordenou-se suspender a marcha à beira de um canavial, num pequeno bosque pouco denso, relativamente próximo do monte. A maioria de nós dormiu naquela manhã.

Sinais pouco habituais começaram a ocorrer ao meio-dia, quando os aviões Biber e outros tipos de avionetas do exército e de particulares começaram a sobrevoar as redondezas. Alguns do nosso grupo cortavam canas tranquilamente enquanto os aviões passavam, não se apercebendo de quão visíveis estavam, dada a baixa altitude e velocidade com que os aparelhos inimigos voavam. A minha tarefa naquela época, como médico das tropas, era curar as chagas dos pés feridos. Creio recordar ainda a minha

\* No original «guardarrayas», que em Cuba se refere às ruas ou passadiços que separam as parcelas de terra cultivadas com canaviais ou cafeeirais no interior de uma plantação. (N. do t.)

última cura naquele dia. O companheiro chamava-se Humberto Lamotte e essa era, também, a sua última jornada. Está gravada na minha memória aquela figura cansada e angustiada levando na mão os sapatos que não podia calçar enquanto se dirigia da enfermaria de campanha até ao seu posto.

Montané e eu estávamos recostados contra um tronco, falando dos nossos respectivos filhos; comíamos a nossa magra ração — meio chouriço e duas bolachas — quando soou um disparo; uma diferença de segundos somente e um furacão de balas — ou pelo menos isso pareceu ao nosso angustiado espírito durante aquela prova de fogo — abatia-se sobre o grupo de 82 homens. O meu fuzil não era dos melhores, assim o tinha pedido deliberadamente, porque as minhas condições físicas eram deploráveis, depois de um longo ataque de asma suportado durante toda a travessia marítima, e não queria, por isso, que se fosse perder uma arma boa nas minhas mãos. Não sei em que momento nem como sucederam as coisas; as recordações já estão turvas. Lembro-me de que, no meio do tiroteio, Almeida — nessa altura capitão — veio ter comigo para me perguntar as ordens transmitidas, mas a verdade é que já não havia ali ninguém para as dar. Segundo me inteirei depois, Fidel tratara, em vão, de agrupar os guerrilheiros no canal ali próximo, ao qual era preciso chegar cruzando somente o pasadiço. A surpresa tinha sido demasiado grande, as balas demasiado abundantes. Almeida voltou a tomar a cargo o seu grupo e, nesse momento, um companheiro abandonou uma caixa de balas quase aos meus pés. Chamei-lhe a atenção e o homem respondeu-me, com uma cara de que me lembro perfeitamente tal a angústia que reflectia, algo parecido com «não é altura para caixas de balas», e imediatamente seguiu o caminho do canal (morreria mais tarde, assassinado por um dos esbirros de Batista). Aquela

foi quiçá a primeira vez em que me vi realmente colocado perante o dilema entre a minha dedicação à medicina ou o meu dever de soldado revolucionário. Tinha à minha frente uma mochila de medicamentos e uma caixa de balas, as duas pesavam demasiado para serem transportadas juntas; agarrei na caixa de balas, deixando a mochila, para depois cruzar a clareira que me separava dos canaviais. Lembro-me perfeitamente do Faustino Pérez, de joelhos no passadiço, disparando a sua pistola-metralhadora. Próximo de mim, um companheiro chamado Arbentosa, que caminhava na direcção do canavial. Uma rajada que não se distinguiu das demais alcançou-nos aos dois. Senti um golpe forte no peito e uma ferida no pescoço; dei-me a mim mesmo como morto. Arbentosa, vomitando sangue pelo nariz, pela boca e pela enorme ferida de uma bala 45, gritou algo do género «mataram-me» e acto contínuo começou a disparar como um louco, já que naquele momento não se via ninguém. Disse a Faustino, a partir do chão, «foderam-me». No meio da sua tarefa, Faustino lançou-me um olhadela e disse que não era nada, mas nos seus olhos lia-se a condenação que a minha ferida significava.

Permaneci estendido, disparei um tiro na direcção do monte, seguindo o mesmo obscuro impulso do outro ferido. Imediatamente, pus-me a pensar na melhor maneira de morrer, nesse minuto em que tudo parecia perdido. Recordei um velho conto de Jack London, onde o protagonista, apoiado num tronco de árvore, se dispõe a acabar dignamente com a sua vida, ao saber-se condenado à morte por congelação, nas zonas gélidas do Alasca. É a única imagem que tenho nítida. Alguém, de joelhos, gritava que o melhor era rendermo-nos, e logo atrás ouviu-se uma voz, que depois soube pertencer a Camilo Cienfuegos, gritando «aqui ninguém se rende...» e, de seguida, proferiu um palavrão. Ponce

aproximou-se, agitado, com a respiração ofegante, mostrando um balázio que aparentemente lhe atravessara o pulmão. Disse-me que estava ferido, ao que lhe manifestei, com toda a indiferença, que também eu estava. Continuou arrastando-se até ao canavial, assim como outros companheiros ilesos. Fiquei sozinho por um momento, estendido ali, à espera da morte. Almeida chegou até mim e deu-me ânimo para prosseguir; apesar das dores, fi-lo e entrámos no canavial. Ali chegado, vi o grande companheiro Raúl Suárez, com o dedo polegar destruído por uma bala, e Faustino Pérez, junto a um tronco, colocando-lhe a ligadura; depois, tudo se confundia no meio das avionetas que passavam baixo, fazendo alguns disparos de metralhadora, semeando mais confusão entre as cenas às vezes dantescas e às vezes grotescas, como a de um corpulento companheiro que queria esconder-se atrás de umas canas, e outro que pedia silêncio no meio da tremenda barulheira dos tiros, sem saber-se bem para quê.

Formou-se um grupo dirigido por Almeida e no qual estavam, além de mim e de Ramiro Valdés, naquela época tenente, os companheiros Chao e Benítez; com Almeida à cabeça, cruzámos o último passadiço do canavial para alcançar um monte salvador. Nesse momento, ouviram-se os primeiros gritos, «fogo», e no canavial começaram a levantar-se colunas de fumo e de fogo, embora isto não o possa assegurar, porque naquela altura pensava mais na amargura da derrota e na iminência da minha morte do que nos acontecimentos da luta. Caminhámos até que a noite nos impediu de avançar e resolvemos dormir todos juntos, amontoados, atacados pelos mosquitos, torturados pela sede e pela fome. Assim foi o nosso baptismo de fogo, no dia 5 de Dezembro de 1956, nas proximidades de Niquero. Assim se começou a forjar aquilo que viria a ser o Exército Rebelde.



## O Combate de La Plata

**O** ATaque a um pequeno quartel que existia na desembocadura do rio La Plata, na Sierra Maestra, constituiu a nossa primeira vitória e teve alguma repercussão para além da abrupta região onde se realizou. A demonstração de que o Exército Rebelde existia e estava disposto a lutar foi uma chamada de atenção para todos e, para nós, foi a reafirmação da nossa possibilidade de triunfo final.

No dia 14 de Janeiro de 1957, pouco mais de um mês depois da surpresa de Alegría de Pío, parámos no rio Magdalena, que está separado do La Plata por um terreno liso que sai da Maestra e vai morrer ao mar, dividindo as duas pequenas bacias. Ali fizemos alguns exercícios de tiro, ordem de Fidel para treinar um pouco o pessoal; para alguns era a primeira vez, em toda a sua vida, que disparavam. Ali nos banhámos também, depois de muitos dias ignorando a higiene, e os que puderam mudaram de roupa. Naquele momento, dispúnhamos de 23 armas efectivas: 9 fuzis com mira telescópica, 5 semiautomáticas, 4 com linguetas de ferro, 2 metralhadoras Thompson, 2 pistolas-metralhadoras e uma carabina calibre 16. Pela tarde desse dia, subimos a última colina antes de chegarmos às imediações do La Plata. Seguíamos um trilho estreito de bosque transitado por muito poucas pessoas e marcado especialmente para nós a golpes de faca de mato por um camponês da região, chamado Melquiades Elías. Este nome foi-nos dado pelo nosso guia Eutimio, pessoa imprescindível para nós e a



*Fidel Castro e Che Guevara na Sierra Maestra.*

## Uma Revolução Que Começa

A HISTÓRIA DA INVESTIDA militar que foi consumada no dia 10 de Março de 1952 — o golpe incruento dirigido por Fulgencio Batista — não começou, naturalmente, no mesmo dia do pronunciamento militar. Os seus antecedentes teriam de ser procurados muito atrás na história de Cuba: muito mais atrás do que a intervenção do embaixador norte-americano Summer Welles, no ano de 1933; mais atrás ainda que a Emenda Platt, do ano de 1901; mais atrás que o desembarque do herói Narciso López, enviado directo dos anexionistas norte-americanos, até chegar à raiz da questão, nos tempos de John Quincy Adams, que, no início do século XVIII, enunciou a condição permanente da política do seu país a respeito de Cuba: uma maçã que, arrancada de Espanha, deveria cair fatalmente nas mãos do *Tio Red*. São estes os elos de uma longa cadeia de agressões continentais que não se exercem apenas sobre Cuba.

Esta maré, este vaivém das ondas imperiais, está marcada pelo derrube de governos democráticos ou pelo surgimento de novos governos graças ao empurrão irreprimível das multidões. A história tem características semelhantes em toda a América Latina: os governos ditatoriais representam as pequenas minorias e sobem ao poder através de um golpe de Estado; os governos democráticos com uma ampla base popular ascendem laboriosamente e, muitas vezes, antes de assumirem o poder, já estão estigmatizados pelas inúmeras concessões prévias que tiveram de fazer para aí se

manterem. E, embora a Revolução cubana marque, nesse sentido, uma exceção em toda a América, é preciso assinalar os antecedentes de todo este processo, pois aquele que escreve estas notas, levado e trazido pelas vagas dos movimentos sociais que convulsionam a América, teve oportunidade de conhecer, devido a essas causas, outro exilado latino-americano: Fidel Castro.

Conheci-o numa dessas noites frias do México e lembro-me de que a nossa primeira discussão versou sobre política internacional. Poucas horas depois, nessa mesma noite — na madrugada — era eu já um dos futuros expedicionários. Interessa-me, porém, esclarecer como e porquê conheci no México o actual chefe do Governo em Cuba. Foi no refluxo dos governos democráticos, em 1954, quando a última democracia revolucionária americana que se mantinha nesta zona — a de Jacobo Arbenz Guzmán — sucumbiu perante a agressão calculada e fria, levada a cabo pelos Estados Unidos da América do Norte na sequência da cortina de fumo da sua propaganda continental. O seu rosto visível era o secretário de Estado, Foster Dulles, que por uma estranha coincidência era também advogado e accionista da United Fruit Company, a principal empresa imperialista existente na Guatemala.

Dali regresssei eu derrotado, unido pela dor a todos os guatemaltecos, esperando, procurando a forma de reconstruir um futuro para aquela pátria angustiada. E Fidel tinha ido ao México em busca de um terreno neutro onde pudesse preparar os seus homens para o grande impulso. Já tinha havido então uma cisão interna, depois do assalto ao quartel Moncada, em Santiago de Cuba, separando-se todos aqueles de ânimo frouxo, todos os que, por um ou outro motivo, se incorporaram em partidos políticos ou em grupos revolucionários que exigiam menos sacrifícios. Já as novas promoções ingressavam nas renovadas fileiras do chamado «Movi-

mento 26 de Julho», data que marcava o ataque ao quartel Moncada, em 1953. Começava uma tarefa duríssima para os responsáveis pela orientação dessa gente, no meio da inevitável clandestinidade no México, lutando contra o governo mexicano, contra os agentes do FBI norte-americano e os de Batista, contra esta combinação de três factores que, de uma maneira ou de outra, se conjugavam e onde intervinham fortemente o dinheiro e a promoção pessoal. Além disso, havia que lutar contra os espões de Trujillo\*, contra a escolha errada de capital humano — sobretudo em Miami — e, depois de vencermos todas estas dificuldades, tínhamos de conseguir algo importantíssimo: sair... e sem demora... chegar, e o resto que, nesse momento, nos parecia difícil. Examinamos agora o que aquilo custou em esforço, em sacrifício e em vidas humanas.

Fidel Castro, auxiliado por uma pequena equipa de pessoas próximas, entregou-se com toda a sua vocação e extraordinário espírito de trabalho à tarefa de organizar as hostes armadas que sairiam em direcção a Cuba. Quase nunca deu aulas de táctica militar, porque o tempo se afigurava curto para isso. Os outros, entre os quais eu próprio, puderam aprender bastante com o general Alberto Bayo. A minha impressão quase instantânea, ao escutar as primeiras aulas, foi a possibilidade de triunfo, que encarava como muito duvidosa quando me juntei ao comandante rebelde, a quem me sentia ligado, desde o princípio, por um laço de romântica simpatia aventureira e pela convicção de que valia a pena morrer numa praia estrangeira por um ideal tão puro.

Assim foram passando vários meses. A nossa pontaria começou a afinar-se e surgiram os mestres atiradores. Encontrámos um rancho no México, onde, sob a direcção do general Bayo — estando

\* Rafael Leónidas Trujillo, o então ditador da República Dominicana. (N. do t.)

eu como chefe de pessoal —, se procedeu aos últimos preparativos para sairmos, em Março de 1956. No entanto, por esses dias, dois elementos da polícia mexicana, ambos pagos por Batista, andavam à caça de Fidel Castro, e um deles teve a ventura económica de o deter, cometendo o absurdo erro — também económico — de não o matar, depois de o ter feito prisioneiro. Passados alguns dias, muitos dos seus seguidores foram também capturados; igualmente em poder da polícia caiu o nosso rancho, situado nos arredores da cidade do México, e fomos todos parar à prisão.

Tudo isto atrasou o início da última parte da primeira etapa. Houve quem estivesse preso 57 dias, contados um a um, com a ameaça perene da extradição sobre as nossas cabeças (eu e o comandante Calixto García somos testemunhas). Em nenhum momento, porém, perdemos a nossa confiança pessoal em Fidel Castro. E a verdade é que Fidel teve alguns gestos em prol da amizade que, quase poderíamos dizê-lo, comprometiam a sua atitude revolucionária. Lembro-me de lhe ter exposto claramente o meu caso: um estrangeiro, ilegal no México, com toda uma série de acusações pesando sobre mim. Disse-lhe que não devia de maneira nenhuma parar a revolução por minha causa, e que podia abandonar-me; que eu compreendia a situação e que tentaria lutar onde quer me mandassem e que o único esforço que deveria fazer-se era no sentido de que me enviassem para um país próximo e não para a Argentina. Lembro-me também da resposta incisiva de Fidel: «Eu não te abandono.» E assim foi, porque houve que despende tempo e dinheiro preciosos para nos tirarem da prisão mexicana. Essas atitudes pessoais de Fidel para com as pessoas que ele aprecia são a chave do fanatismo que cria à sua volta, onde a identidade de princípios se soma uma identidade de natureza pessoal, fazendo deste Exército Rebelde um bloco indivisível.

Os dias foram decorrendo, trabalhando na clandestinidade, escondendo-nos onde podíamos, evitando tanto quanto possível toda a presença pública, quase sem sair à rua. Passados uns meses, percebemos que havia um traidor nas nossas fileiras, cujo nome não sabíamos, e que tinha vendido um carregamento de armas. Sabíamos também que havia vendido o iate e um transmissor, embora o «contrato legal» da venda ainda não estivesse feito. Esta primeira entrega serviu para demonstrar às autoridades cubanas que, efectivamente, o traidor conhecia os nossos segredos. Foi também o que nos salvou, ao ter-nos demonstrado o mesmo.

A partir desse momento, teve de ser levada a cabo uma actividade febril: o *Granma* foi preparado a uma velocidade extraordinária; juntaram-se tantos mantimentos quanto foi possível, escasos por certo, e uniformes, espingardas, equipamentos, dois fuzis antitanque quase sem balas. Por fim, no dia 25 de Novembro de 1956, às duas da madrugada, as frases de Fidel, que tinham servido de chacota na imprensa oficial, começavam a tornar-se realidade: «No ano de 1956 ou seremos livres ou seremos mártires.»

Saímos, com as luzes apagadas, do porto de Tuxpan no meio de um amontoado infernal de materiais de toda a espécie e de homens. O tempo estava péssimo e, embora a navegação estivesse proibida, o estuário do rio mantinha-se tranquilo. Atravessámos a boca do porto yucateco e pouco tempo depois acendemos as luzes. Começámos a procurar freneticamente os anti-histamínicos contra o enjoo, que não havia maneira de aparecerem; cantámos o hino nacional cubano e o do 26 de Julho, talvez durante cinco minutos no total, e logo depois o barco inteiro apresentava já um aspecto ridiculamente trágico: homens com a angústia estampada no rosto, agarrando-se ao estômago. Uns com a cabeça metida dentro de um balde e outros deitados nas posições mais estranhas,

imóveis e com as roupas sujas devido aos vômitos. Exceptuando dois ou três marinheiros e quatro ou cinco pessoas mais, os restantes 83 tripulantes ficaram enjoados. Ao quarto ou quinto dia, porém, o panorama geral melhorou um pouco. Descobrimos que a conduta por onde entrava a água no barco não era um buraco, mas sim uma torneira das instalações sanitárias que estava aberta. Já tínhamos lançado ao mar tudo o que não fosse estritamente necessário, para aligeirar o lastro.

A rota escolhida implicava dar uma volta grande pelo sul de Cuba, bordejando a Jamaica e as ilhas do Grande Caimão, antes de desembarcarmos num qualquer lugar próximo da povoação de Ni- quero, na província de Oriente. Os planos iam sendo cumpridos com bastante lentidão: no dia 30, ouvimos pela rádio a notícia dos motins de Santiago de Cuba, que haviam sido provocados pelo nosso grande Frank País, tentando sincronizá-los com a chegada da nossa expedição. No dia seguinte, 1 de Dezembro, durante a noite, direccionámos a proa em linha recta até Cuba, procurando desesperadamente o farol de Cabo Cruz, carentes de água, de petróleo e de comida. Às duas da madrugada, com uma noite negra de temporal, a situação era inquietante. Os vigias iam e vinham, procurando o rasto de luz que não aparecia no horizonte. Roque, ex-tenente da marinha de guerra, subiu uma vez mais à pequena ponte superior, para observar a luz do Cabo, e desequilibrou-se, caindo à água. Pouco tempo após o reinício da marcha, conseguimos finalmente ver a luz. Todavia, o navegar asmático da nossa lancha tornou intermináveis essas últimas horas da viagem. Já era de dia quando atracámos em Cuba, num local conhecido por Belic, na praia de Las Coloradas.

Um barco de cabotagem viu-nos e comunicou telegraficamente a descoberta ao exército de Batista. Quando descíamos,



com toda a pressa e levando apenas o imprescindível, e nos introduzíamos no lamaçal, fomos atacados pela aviação inimiga. Naturalmente, caminhando pelos pântanos cobertos de mangais, não éramos vistos nem atingidos pela aviação; porém, o exército da ditadura andava já no nosso encalço. Demorámos várias horas a sair do lamaçal, para onde fomos arrastados pela imperícia e pela irresponsabilidade de um companheiro que se dizia conhecedor da zona. Permanecemos em terra firme, à deriva, dando tropeções, formando um exército de sombras, de fantasmas que caminhavam como se seguissem o impulso de algum obscuro mecanismo psíquico. A travessia tinha durado sete dias de fome e de enjoos contínuos, somados a três dias mais terríveis, em terra. Dez dias exactos depois de termos saído do México, a 5 de Dezembro, pela madrugada, depois de uma marcha nocturna interrompida pelos desmaios e pelas fadigas e descansos do exército, chegámos a um ponto paradoxalmente conhecido pelo nome de Alegria de Pío. Era um pequeno monte rochoso, com um canavial de um lado e, dos outros, aberto a uns descampados, começando mais ao longe o bosque denso. Era um lugar mal escolhido para montar acampamento, mas ainda assim fizemos uma paragem para passar o dia, reiniciando então a marcha na noite seguinte.

[Fragmento inicial de «Uma Revolução Que Começa», publicado em *O Cruzeiro*, 16 de Junho, 1 de Julho e 16 de Julho de 1959]

## À Deriva

**N**O DIA SEGUINTE À SURPRESA de Alegria de Pío, caminhávamos pelo meio de montes onde a terra encarnada alternava com o *diente de perro*\*, ouvindo disparos isolados em todas as direcções e sem atinar com um rumo específico. Chao, que era um veterano da guerra espanhola, opinou que aquela forma de caminhar levar-nos-ia inevitavelmente a cair em alguma emboscada inimiga e propôs que procurássemos um lugar adequado para esperar a noite e só então prosseguir a marcha.

Estávamos praticamente sem água e com a única lata de leite que possuíamos havia ocorrido um percalço: Benítez, encarregado de a preservar tinha-a transportado no bolso do seu uniforme ao contrário, ou seja, com os pequenos furos feitos para a absorver voltados para baixo, de tal maneira que, quando íamos tomar a nossa ração — que consistia num tubo vazio de vitaminas que enchíamos com leite condensado e um trago de água — vimos dolorosamente que todo o conteúdo jazia no bolso e no uniforme de Benítez.

Conseguimos estabelecer-nos numa espécie de caverna que oferecia uma visão ampla para um lado, mas que tinha o defeito de não nos permitir calcular o avanço do inimigo pelo outro lado. No entanto, o nosso pensamento centrava-se mais em que não fôssemos vistos do que em defender-nos, pelo que resolvemos

\* Literalmente, «dente de cão», espécie de violeta. (N. do t.)

permanecer ali durante o dia, embora com o compromisso expressamente aceite pelos cinco de lutar até à morte. Os que fizeram esse pacto foram: Ramiro Valdés, Juan Almeida, Chao, Benítez e eu próprio. Todos sobrevivemos à terrível experiência da derrota e da luta posterior.

Pela noite, pusemo-nos a caminho. Estabeleci a posição da Estrela Polar, segundo os meus conhecimentos na matéria, e durante um par de dias fomos caminhando guiados por ela em direcção a este e até chegarmos à Sierra Maestra. (Muito tempo depois, soube que a estrela que nos guiou para este não era a Polar e que simplesmente, por casualidade, fomos seguindo mais ou menos esse rumo até ao amanhecer, altura em que chegámos a uns rochedos já muito perto da costa.)

Lá em baixo via-se o mar; separava-nos dele uma rocha escarpada cortada a pique com uns 50 metros de altura e no fundo sobressaía a tentadora imagem de uma fossa de água, ao que parecia doce. O nosso maior tormento era a sede; nessa noite tinha aparecido um grande número de caranguejos e, impelidos pela fome, matámos alguns, mas como não podíamos fazer fogo, sorvemos cruas as suas partes gelatinosas, o que nos provocou uma sede angustiante.

Depois de muito procurar, encontrámos uma passagem transitável por onde descer em busca de água. Todavia, na azáfama das idas e vindas, deixámos de ver a fossa antes observada do alto, e só conseguimos mitigar a sede graças às pequenas quantidades de água que restavam de chuvas anteriores e que haviam ficado nas concavidades do «dente de cão». Ali a íamos buscar e a extraíamos por intermédio da pequena bomba de um nebulizador antiasmático; bebemos apenas algumas gotas de líquido cada um.

Íamos caminhando sem energia, sem rumo fixo; de vez em quando, passava um avião sobrevoando o mar. Caminhar entre os



PRINCIPAIS COMBATENTES  
DAS TROPAS REVOLUCIONÁRIAS

ACEVEDO GONZÁLEZ, ENRIQUE (1942- ). Nasceu em Las Villas. Incorporado no Exército Rebelde na coluna 4, I Frente. Integrante da Coluna Invasora 8. Alcançou a patente de capitão.

ACOSTA FERRALS, CLODOMIRA (1937-1958). Nasceu em Yara. Membro do Movimento 26 de Julho. Combatente do Exército Rebelde, onde desempenhava o papel de mensageira. Capturada a 12 de Setembro de 1958, durante uma missão em Havana, foi torturada e assassinada.

ALMEIDA BOSQUE, JUAN (1927- ). Nasceu na Cidade de Havana. Assaltante do Quartel Moncada e julgado na Causa 37/53. Expedicionário do *Granma*. Alcançou a patente de comandante. Chefe da III Frente. Comandante da Revolução.

AMEIJEIRAS DELGADO, EFIGENIO (1931- ). Nasceu em Las Tunas. Expedicionário do *Granma*. Combatente da guerrilha, na Coluna 1 e, depois, na Coluna 6, II Frente. Ascendeu a comandante na luta de libertação.

BORDÓN MACHADO, VÍCTOR (1930- ). Nasceu em Quemado de Güines. Membro da Juventude Ortodoxa e, depois, do Movimento 26 de Julho. Combateu na Greve do 9 de Abril. Foi o primeiro a formar um grupo guerrilheiro na antiga província de Las Villas (região de Sagua La Grande). Foi admitido na Coluna Invasora 8, em Outubro de 1958.

CASTRO MERCADER, RAÚL (1937- ). Nasceu em Las Tunas. Membro do Movimento 26 de Julho. Integrante do primeiro contingente enviado

por Frank País — os Marabuzaleros — à Sierra. Fez parte das colunas 1 e 4, da I Frente. Foi promovido a capitão, na coluna comandada por Ernesto Che Guevara.

CHOMÓN MEDIÁVILLA, FAURE (1929- ). Dirigente do Directório Estudantil. Participante no ataque ao Palácio Presidencial. Em 1958, chegou a Cuba numa expedição armada, a bordo do iate *Scapade*. Organizou um destacamento guerrilheiro e ingressou no Exército Rebelde, na Sierra del Escambray.

CIENFUEGOS GORRIARÁN, CAMILO (1932-1959). Nasceu em Havana. Expedicionário do *Granma*. Comandante da Coluna Invasora 2, Antonio Maceo. Em Janeiro de 1959 foi designado chefe do Exército Rebelde. Faleceu num acidente aéreo, a 28 de Outubro.

CRESPO CASTRO, LUIS (1923- ). Nasceu em Matanzas. Expedicionário do *Granma*. Membro do Exército Rebelde, Coluna 1, I Frente. Promovido a comandante.

CUERVO NAVARRO, PELAYO (1901-1957). Nasceu em Guantánamo. Eminentemente advogado e lutador do Partido Ortodoxo. Foi assassinado horas depois do assalto ao Palácio Presidencial, no dia 13 de Março, e o seu corpo abandonado no aristocrático bairro do Country Club, no El Laguito.

DEL VALLE JIMÉNEZ, SERGIO (1927- ). Membro do Movimento 26 de Julho. Médico incorporado na guerrilha, na Coluna 1, I Frente. Comandante médico da Coluna Invasora 2.

DÍAZ GONZÁLEZ, JULIO (JULITO) (1929-1957). Nasceu em Havana. Assaltante do Quartel Moncada. Detido, julgado e condenado na Causa 37/53. Exilado no México e expedicionário do *Granma*. Morto no combate de El Uvero, no dia 28 de Maio, com a patente de capitão.

DOCE SÁNCHEZ, LIDIA (1912-1958). Nasceu em Holguín. Militante do Movimento 26 de Julho. Alistou-se no Exército Rebelde, nas colunas 1 e 4, como mensageira. Morreu assassinada, depois de ter sido torturada, no dia 12 de Setembro.

ECHVERRÍA, JOSÉ ANTONIO (Manzanita). Presidente da Federação Estudantil Universitária (FEU). Destacado lutador contra a tirania batistiana. Encabeçou as acções do 13 de Março de 1957, quando o Directório Estudantil atacou o Palácio Presidencial e a estação de rádio Reloj, numa tentativa para matar Batista, morrendo num confronto armado com a polícia.

ESCALONA ALONSO, DERMIDIO. Ingressou no Exército Rebelde na I Frente. Destacou-se nos combates de Pino del Agua II e de Blanquizal. Designado para abrir a frente guerrilheira na cordilheira dos Órganos, Pinar del Río, em 1958. Finalizou a guerra com a patente de comandante.

ESPÍN GUILLOIS, VILMA (Débora) (1930-). Nasceu em Santiago de Cuba. Membro da direcção nacional do Movimento 26 de Julho na cidade de Santiago de Cuba, sob o comando de Frank País. Coordenadora do Movimento em Oriente. Em 1958, foi integrada no Exército Rebelde, Coluna 6, II Frente.

FAJARDO RIVERO, MANUEL EUGENIO (Piti) (1930-1960). Nasceu em Granma. Médico. Incorporado no Exército Rebelde, na Coluna 1, para depois passar à Coluna 12, V Frente. Alcançou a patente de comandante.

FAJARDO SOTOMAYOR, MANUEL ENRIQUE (1932-1995). Nasceu na actual Granma. Um dos primeiros camponeses recrutados, em 1956, para o Exército Rebelde, na I Frente. Foi depois transferido para a II Frente. Alcançou a patente de comandante.